



*Cardeal Paulo Cezar Costa*  
Arcebispo Metropolitano de Brasília

Brasília, 14 de junho de 2023.

**Prot. Gab. Episc. 047/2023**

### **O Senhor me ungiu e me enviou**

Caros Presbíteros da Nossa Amada Arquidiocese de Brasília,

Quero que neste dia de santificação do clero nos coloquemos diante daquilo que somos: homens consagrados, ungidos. Ainda que saibamos que o centro da ordenação está na imposição das mãos e na oração consecratória. Mas o sacerdote é ungido nas mãos e o bispo na cabeça com o óleo do Crisma. Entendo “unção”, aqui, no sentido em que o Novo Testamento fala da unção de Jesus. Jesus é ungido com o Espírito, há toda uma teologia da Unção de Jesus no Novo Testamento. Jesus, sendo o Filho de Deus, foi ungido com o Espírito e desenvolveu todo o seu ministério na força do Espírito. O presbítero é um homem consagrado, ungido.

Para tratarmos desta coordenada da vida presbiteral, vamos partir do texto de Lucas 4, 14 - 22. Texto que é proclamado nas liturgias da quinta-feira Santa na missa de renovação das promessas sacerdotais, conforme a seguir:

“Ele foi a Nazaré, onde fora criado e segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; abrindo-o, encontrou o lugar onde está escrito: *O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor*. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura””.

Este texto, pela localização no evangelho de São Lucas e seu conteúdo, é como que um texto programático da missão de Jesus. Nele já se encontram as características fundamentais do Evangelho. Não há dúvida que esta pregação na sinagoga de Nazaré,



*Cardeal Paulo Cezar Costa*  
Arcebispo Metropolitano de Brasília

sua vila, na qual Jesus se manifesta, é o verdadeiro e solene evento inicial. Quando Jesus diz: “hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”, os habitantes de Nazaré fazem experiência viva do verdadeiro e próprio princípio (arxé) da atividade de Jesus. O texto que Jesus lê, é uma citação substancial do profeta Isaías. A referência histórica é a volta do exílio, mas o substrato teológico é o anúncio do ano jubilar, no qual vinham perdoados os débitos daqueles que tinham empobrecido, vinha restabelecida a liberdade aos escravos. Jesus se apresenta como o profeta escatológico, ungido pelo Espírito, que inaugura o ano jubilar, o evento do tempo final, a libertação definitiva.

Jesus é o Messias, ungido, mas a sua unção é com o Espírito Santo. É o Espírito que ungiu Jesus. Não se pode conceber o ministério de Jesus, a sua missão evangelizadora sem a força do Espírito. O Evangelho de São Lucas é o Evangelho do Espírito. Jesus se submeteu ao rito batismal de João Batista, onde “o céu se abriu e o Espírito desceu sobre ele em forma corporal, como pomba”(Lc 3, 21-22). Jesus pleno do Espírito, voltou do Jordão, era conduzido pelo Espírito através do deserto...” (Lc 4, 1ss). E agora, Jesus voltou para a Galiléia, com a força do Espírito” (Lc 4, 14). Na sinagoga de Nazaré, Jesus proclama, lendo Isaías, o Espírito do Senhor está sobre mim...”. Jesus foi ungido com o Espírito Santo. O Espírito é o princípio da consagração e da missão do Messias. Em virtude do Espírito, Jesus pertence totalmente e exclusivamente a Deus, participa da infinita santidade de Deus que O chama, elege e envia. Assim, como afirma São Basílio Magno: “a partir do batismo, toda a vida (por isso toda a sua vida terrena) de Jesus se desenvolve na presença do Espírito Santo”.

O Espírito consagrou Jesus e o enviou para anunciar a Boa Nova aos pobres. “A missão não representa um elemento exterior e justaposto à consagração, mas constitui a sua meta intrínseca e vital: a consagração é para a missão. Assim, não só a consagração, mas também a missão está sob o signo do Espírito, sob o seu influxo santificador”<sup>1</sup>. Assim aconteceu com Jesus, com os apóstolos e com os seus sucessores. Assim acontece com toda a Igreja e também com os presbíteros. *Todos recebem o Espírito como dom e apelo de santificação, no âmbito e através do cumprimento da missão*<sup>2</sup>. Existe, portanto, uma íntima conexão entre a vida espiritual do presbítero e a missão. A santidade do presbítero toma forma concreta através do amoris officium, ou caridade pastoral. Ela é o princípio interior, a virtude que anima a vida do presbítero enquanto configurado a Cristo Bom Pastor. A caridade pastoral é

---

<sup>1</sup> Pastores Dabo Vobis, 24.

<sup>2</sup> Pastores Dabo Vobis, 24.



*Cardeal Paulo Cezar Costa*  
Arcebispo Metropolitano de Brasília

participação na própria caridade de Cristo, da qual o presbítero se torna presença. “Ela é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço. Não é apenas o que fazemos, mas o dom de nós mesmos que manifesta o amor de Cristo pelo rebanho. A caridade pastoral determina o nosso modo de pensar e de agir, o modo de nos relacionarmos com as pessoas”<sup>3</sup>. São João Crisóstomo mostra como o nosso amor para com Cristo se manifesta na forma como amamos as ovelhas: “Se me amas, dirige teus irmãos, evidencia agora essa ardente caridade que sempre testemunhaste. Dá pelas ovelhas esta vida que pretendias oferecer a mim... A vigilância pelas ovelhas é, sem dúvida, a melhor prova de caridade que se possa dar”. Apascentar, como bom pastor, o rebanho do Senhor é a maior obra de caridade que o pastor pode fazer.

O amor do pastor torna-se um grande testemunho no interno da Igreja e num mundo que não reflete mais sobre o significado da existência e vai perdendo o sentido de Deus. Pensar e tornar a própria vida dom de amor aos outros suscita ainda sentido de admiração e beleza. O presbítero é aquele homem que desgasta a vida como dom, em benefício dos outros. Não o faz por filantropia, mas o faz por que conformou a sua vida a de Jesus Cristo, Bom Pastor. É a sua relação com Cristo, Pastor Bom e Belo que fundamenta a beleza da doação do presbítero.

Num segundo momento, quero refletir sobre a alegria na doação do presbítero que nasce da unção. Para esse segundo momento, relacionarei Lc 4, 14-22 com o texto do envio dos 72 discípulos em Lc 10. Em 10,1 diz: “Depois disso, o Senhor designou outros setenta e dois, e os enviou dois a dois à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir”. Os setenta e dois significam toda a Igreja que é enviada em missão. Jesus dá a sua missão à sua Igreja, como já vimos também no texto de Marcos 3, 13-19. Agora, interessa-nos olhar a volta deles. Eles voltam cheios de alegria, dizendo: “Senhor até os demônios nos submetem em teu nome” (Lc 10, 17). Na continuação, 10, 21, Jesus exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse: “Eu te louvo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos...”. Jesus exulta de alegria porque os mistérios do Reino estão sendo revelados aos pequeninos. No Espírito, Jesus exulta de alegria. Os setenta e dois voltaram cheios de alegria.

---

<sup>3</sup> Pastores dabo Vobis, 23.



*Cardeal Paulo Cezar Costa*  
Arcebispo Metropolitano de Brasília

O presbítero, aquele que foi ungido, é chamado a ungir e a fazê-lo com alegria. O papa Francisco fala de três características significativas da alegria sacerdotal: uma alegria que *nos unge* (sem nos tornar untuosos, suntuosos e presunçosos), uma alegria *incompactível* e uma alegria *missionária* que irradia para todos e a todos atrai a começar, inversamente, pelos mais distantes.

*Uma alegria que nos unge.* Quer dizer: penetrou no íntimo do nosso coração, configurou-o e fortificou-o sacramentalmente. Os sinais da liturgia da ordenação falam-nos do desejo materno que a Igreja tem de transmitir e comunicar tudo aquilo que o Senhor nos deu: a imposição das mãos, a unção com o santo Crisma, o revestir-se com os paramentos sagrados, a participação imediata na primeira Consagração... A graça enche-nos e derrama-se íntegra, abundante e plena em cada sacerdote. Ungidos até aos ossos... e a nossa alegria, que brota de dentro, é o eco desta unção.

*Uma alegria incompactível.* A integridade do Dom – ninguém lhe pode tirar nem acrescentar nada – é fonte incessante de alegria: uma alegria incompactível, a propósito da qual prometeu o Senhor que ninguém no-la poderá tirar (cf. *Jo 16, 22*). Pode ser atormentada ou sufocada pelo pecado ou pelas preocupações da vida, mas, no fundo, permanece intacta como o tição aceso dum cepo queimado sob as cinzas, e sempre se pode renovar. Permanece sempre atual a recomendação de Paulo a Timóteo: “reaviva o fogo do dom de Deus, que está em ti pela imposição das minhas mãos” (cf. *2 Tm 1, 6*).

*Uma alegria missionária.* Sobre esta terceira característica, quero alongar-me mais convosco sublinhando-a de maneira especial: a alegria do sacerdote está intimamente relacionada com o povo fiel e santo de Deus, porque se trata de uma alegria eminentemente missionária. A unção ordena-se para ungir o povo fiel e santo de Deus: para batizar e confirmar, para curar e consagrar, para abençoar, para consolar e evangelizar.

E, sendo uma alegria que flui apenas quando o pastor está no meio do seu rebanho (mesmo no silêncio da oração, o pastor que adora o Pai está no meio das suas ovelhas), é, por isso, uma “alegria guardada” por este mesmo rebanho. Mesmo nos momentos de tristeza, quando tudo parece entenebrecer-se e nos seduz a vertigem do isolamento, naqueles momentos apáticos e chatos que por vezes nos assaltam na vida sacerdotal (e pelos quais também eu passei), mesmo em tais momentos o povo de



*Cardeal Paulo Cezar Costa*  
Arcebispo Metropolitano de Brasília

Deus é capaz de guardar a alegria, é capaz de proteger-te, abraçar-te, ajudar-te a abrir o coração e reencontrar uma alegria renovada.

Que esta consciência de que somos homens ungidos e da alegria missionária que nasce da unção nos ajude a crescer no nosso caminho de santidade.

+ Paulo Cezar Costa

**Dom Paulo Cezar Costa**  
Cardeal Arcebispo de Brasília